

8ª PARTE

LITERATURA INTERCONTEXTUAL

Para Noemi Elisa

Querida Noemi Elisa

Aí vão minhas respostas. O tempo não permitiu deter-me em alguns aspectos. De qualquer forma é o melhor que pude fazer. Queria somente lhe pedir, se possível, que me proteja de eventuais deslizos. Agradeço por tudo a você e ao professor Horácio Dídimo.

Um grande abraço,

Fausto Nilo

Bloco 1

Massa popular ou público intelectualizado

Minha herança pessoal com respeito a letras de canções se deve à experiência extraordinária de ser originariamente um menino do interior, ouvinte de rádio brasileiro no após guerra (Rádio Nacional, Rádio Tupi, Jornal do Comércio de Recife e Sociedade da Bahia), além de escutador do serviço de alto falante “A Voz de Cristal”, na cidade de Quixeramobim, no sertão cearense. Esta base prática foi altamente influída pela vida de rua bastante enriquecida pela convivência com pessoas do povo. Tudo isto foi gradativamente se misturando com minhas novas experiências na capital, a partir de 1955, incluindo programas de auditório, cinema, Liceu do Ceará, futebol, praia, etc. Esta mistura fervente veio a se transformar notavelmente no ambiente da universidade, a partir de 1965 onde eu encontrei outros jovens com interesses intelectuais similares. Estas amizades me conduziram ao teatro e às artes onde descobri a poesia de qualidade e cheguei a realizar confecção de cenários, cartazes e programas. Foi aí que eu conheci Augusto Pontes, Rodger e Petrúcio Maia. Fui também um discípulo privilegiado do professor arquiteto José Liberal de Castro que com sua generosidade nos transmitiu parte de seus notáveis conhecimentos sobre a cultura e as cidades do Brasil e do mundo.

Na universidade também reencontrei amigos do Liceu como Belchior, Barbosa Coutinho, Antonio Carlos Coelho e Cláudio Pereira. Algumas destas pessoas passaram a conviver com regularidade cotidiana no Bar do Anísio, na Beira Mar, durante pelo menos dez anos. O resultado desta trajetória incrementada pelo hábito crescente da leitura, embora de resultado modesto, na época (noções de política, história da arte, filosofia e estética puxadas pelo urbanismo e pela arquitetura), criou para mim um padrão de mistura de sensibilidade popular e organização intelectual que me apoiam criativamente cada vez mais a cada dia. Desta forma minha postura criativa não tem preferências predeterminadas entre as coisas intelectuais ou populares de massa. Em princípio tudo me interessa de forma convenientemente misturada e nada destes ambientes culturais me é estranho.

Letra sobre melodia

Na técnica de fazer letras de música desenvolvi, por hábito puramente pessoal, uma forma que é a minha preferida: eu ponho letras sobre aquelas melodias de meus parceiros, por um processo em que me parece que elas demonstram uma urgência em querer cantar por si mesmas. É como se eu apenas fizesse uma ajuda para que as melodias cantem com palavras. Isto significa que o elemento de provocação para a criação de frases é a melodia com seu ritmo e sua harmonia também. É a base melódica que me faz criar frases e imaginações que sempre me surpreendem e porque não dizer, me aparecem como algo de conhecimento novo. Confesso que é isto que mais me estimula a fazer letras de música e provavelmente deve ser o que também estimula aos poetas de textos escritos. Depois que meus versos viram canções e vejo as pessoas cantando, isto me soa como um milagre de circulação de ideias e elementos de sensibilidade comuns entre um autor e o seu público. Acho que tudo se apoia numa cadeia de representações do imaginário popular, com doses de ineditismos que também agradam ao público ouvinte, que, ao contrário do que sempre se imagina, também gosta de inovações, muitas vezes expressas em termos surreais.

Simplicidade, povo, intelectuais, crítica e ovacionamento

Costumo dizer para amigos que minha aparente simplicidade é complexa e que esta complexidade me permite entender as várias camadas de expressões do povo como também perceber a flutuação das modas intelectuais, sem que isto me leve a sofrer com mudanças constantes nas formas arquitetônicas, urbanas ou de canções populares que o mercado possa destacar ou que a academia venha a eleger em um determinado momento. Adoraria que no Brasil se praticasse a crítica verdadeira para estas duas atividades onde trabalho, num sentido mais universal de entendimento técnico que por opinião pessoal simplesmente impressionista. Sempre afirmei que um criador que não exerce constante autocritica não tem chance de progresso e nem de manutenção de sua atividade. Desta forma não me julgo um arquiteto urbanista de grande importância e muito mais me considero um profissional dedicado e em progresso constante, que visa principalmente interferir de forma conveniente e positiva na oferta de acessibilidade democrática ao conforto de usuários anônimos aos espaços construídos ou urbanizados carregados de significação. Da mesma maneira nas canções populares, chegando hoje a um repertório de 450 canções construídas em quarenta anos, com cerca de uma centena de sucessos públicos identificáveis, não me sinto alguém de grande importância se comparado aos grandes compositores brasileiros e sim um persistente criador de canções ajudado por excelentes parceiros e felizmente por intérpretes notáveis. Também nas canções não tivemos oportunidades de ler críticas bem elaboradas sobre aquilo que realizamos nestes anos, apesar da grandiosa e permanente resposta do público anônimo.

É importante dizer também que autores de canções são caracterizados em sua vida profissional como eternamente parceiros de alguém, trabalham na tramoia (como se diz no teatro) e não têm grande importância com respeito à sua imagem pública. Raramente autores são ovacionados por grandes massas o que é natural que seja assim porque afinal quem se expõe em termos de imagem públicas

são seus intérpretes. Com respeito a isto tenho que reconhecer que tive, felizmente, os melhores intérpretes que poderia ter. A eles eu devo muito em minha carreira profissional de letrista.

Bloco 2

Religião, vida e mundo

Eu fui educado dentro dos preceitos da religião católica, sendo minha mão fervorosa e meu pai mais distante das atividades da igreja. Na minha adolescência, juntamente com um primo com o qual dividi a formação na juventude, me integrei nas tendências de questionamento social predominantes no Liceu, orgulhando-me das escolhas de padrões de vida antiburgueses, tive um pendor natural para os assuntos filosóficos e da política que apontavam para a visão de justiça social, me aproximei intelectualmente do marxismo, e terminei no movimento estudantil de 68, chegando a ser preso no famoso Congresso da Une, em Ibiúna. Isto me fez tomar muita distância dos rituais da igreja e acreditar num ateísmo jovem que não pode ser confirmado com rigor. Hoje acho que a ética religiosa do Cristo com destaque para o que diz respeito à nossa vida em sua relação com o próximo, seria o que mais me interessa e busco vivenciar, na medida do possível, este critério. Ao final me tornei um criador que persiste em refletir em suas duas linguagens (arquitetura e canções populares) os elementos da cultura e da natureza relacionados por nossa inserção humana, onde a ecologia e as expectativas de justiça social se misturam de forma natural aos problemas mais simples de interesse da maioria e que de forma maravilhosa estão, na maioria das vezes, imersos em uma situação romântica popular, casual e por que não dizer, sem grandes pretensões.

No fundo acho que faço as mesmas letras desde o início, ou seja, o assunto é sempre um romance situado em condição urbana, entrecortado por golpes de desorientação das rotinas cotidianas. São muitos espaços sucessivos que me surpreendem e muitas cortinas gradativamente derrubadas que se seguem, produzindo em mim uma curiosidade incontrolável e resultando em uma "história" apoiada por

formas populares anônimas muitas vezes banais misturadas com ine-
ditismos e ordenados por uma melodia e seu ritmo.

Vocação e metas lucrativas para sobrevivência

Desde meus primeiros anos de atividades criativas e que se iniciam com o desenho, isto por volta dos oito anos, sempre busquei minha satisfação plena com meu trabalho. Tive muita sorte em encontrar, aos dezesseis anos, uma oportunidade de trabalho como um desenhista assistente de arquiteto. Isto me possibilitou, desde cedo, realizar este equilíbrio entre prazer do trabalho e realização pessoal. Creio que nunca tive uma experiência de criação em situação tal que fosse necessário priorizar resultados tendo em vista as necessidades materiais de recompensa, ou seja, o dinheiro em primeiro lugar. Muito pelo contrário creio que já perdi uma enorme quantidade de oportunidades por persistência no compromisso criativo com vínculos sociais em suas metas e satisfação pessoal em primeiro lugar. Mantenho até os dias atuais critérios que me possibilitem a renúncia sobre aquilo que não me interessa e acho também que poderia ter tido uma vida de maior resultado material em minhas atividades se tivesse sido mais flexível com respeito a convicções próprias no âmbito profissional. Por outro lado compreendo que em determinadas situações limites, muitos grandiosos artistas e intelectuais foram forçados a abrir mão de seus critérios para atravessar uma situação de dificuldade e eu tenho total consideração a este respeito. Se um dia for forçado por uma grande necessidade poderei reproduzir a condição humilhante a que foi forçado Bertold Brecht ao fugir da Alemanha e escrevendo filmes do padrão B, em condição de extremo anonimato nos estúdios de Hollywood. Creio também que se uma pessoa mantém estes critérios ancorados numa visão republicana e assim persiste até seus quase setenta anos, que é meu caso, não há mais como pensar em mudar e por esta razão isto não resulta em nenhum tipo de conflito.

Relacionando dinheiro, política e criação artística somos forçados a compreender que a vida é socializada a partir do compartilhamento

e dos exercícios de vários tipos de poderes, cada qual com sua produção de consequências. Entre estes poderes existe aquele dos políticos e que, numa situação democrática, decorre do voto dos cidadãos que o elegeram. Os poderes da política fatalmente vão interagir com os artistas criadores em áreas como a do urbanismo ou até mesmo da arquitetura quando esta se destina a funções públicas. Já o tipo de poder dos artistas e criadores é atribuído a partir de sua relação com o público de forma complexa e desinteressada e que muitas vezes nem são percebidas em seus pormenores, pelos políticos. Em outras palavras, políticos passam e obras permanecem, embora eu reconheça que não podemos viver sem política. Antes a política que uma ditadura e seu aperfeiçoamento faz parte do processo de construção e estabilidade da democracia. Isto tudo termina por tornar a profissão de artista algo muito incerto no momento de se optar por ela.

Quanto ao trabalho de criação artística relacionado com lucratividade há sempre o perigo de nos tornarmos ansiosamente sedentos de chegar rápido ao sucesso. Isto pode produzir o equívoco de que se alguém te mostra o caminho das pedras, se temos uma ajuda privilegiada nossa arte vencerá, o que infelizmente não é verdade. Só existe um caminho sustentável para a realização artística: a comunicação legítima entre o artista e o público com vistas à transferência de um conteúdo que difere daquele transmitido pelos políticos e negociantes. A arte apresenta propostas de releitura da realidade e a política oferece propostas de realização de irrealidades, na maioria das vezes.

Fausto como figura admirada, amada, requintada com auréola de benemerência

Não é verdade que eu seja um benemérito no sentido rigoroso do termo e nem mesmo uma pessoa famosa ou celebridade querida por todos. É verdade que ando pelas ruas de Fortaleza, que sou muito querido em minha terra, onde as pessoas me chamam de poeta em alguns momentos na cena da rua, que sou admirado por alguns, que tenho razoável prestígio em minhas profissões e que um nome co-

nhecido no Brasil por aquelas pessoas que têm boa informação sobre música popular. Isto tudo é a realidade em sua medida real.

É verdade também que tenho poucos projetos se comparados com outros colegas por conta de um excesso de seletividade; também é verdade que há pessoas que não têm simpatia por mim e muito menos me admiram; há grupos que crêem que minha casa ainda vai cair e que duvidam de meu talento como se houvesse algum truque a ser desvendado e isto ocorre com qualquer pessoa que alcance, em sua comunidade, alguma notabilidade; há também quem suspeite que eu sou um arquiteto que teve ajuda privilegiada de grupos de poderes para realizar minhas obras, ou ainda que sou um compositor que quer ser arquiteto, portanto farsante, ou ainda um arquiteto que virou um letrista sem talento. Confesso que aceito tudo como natural e sobre tudo isto prefiro mesmo a realidade que vivo, sem conflitos entre as duas atividades, sem mágoas ou ressentimentos e desejo que o prazer que tenho em enfrentar desafios criativos propostos por estas artes em todos os dias da minha vida, já me bastem para ter uma existência cheia de satisfação.

Bloco 3

Simplicidade e complexidade; desenho amador e intuitivo; arquiteto e urbanista intelectualmente elitista, compositor e cantor no âmbito poplaresco

Há uma coisa que me fascina nesta prática híbrida de criador nos papéis de arquiteto e letrista de canções populares: poder me divertir e brincar com o público com respeito a colheitas que faço neste imenso intervalo de significados que vão desde o radical ineditismo de uma frase aparentemente intelectual ou comprometida com conhecimentos mais complexos e uma extrema banalidade coloquial digna de um Waldick Soriano. Da mesma maneira, na arquitetura, me fascina colocar em situações de massa formas espaciais e semânticas construídas com complexidade e observar o mais emocionante dos resultados: a surpreendente e muitas vezes não previsível reação do público usuário.

Confesso que sinto enorme prazer de ver o encontro colaborativo dos elementos de meu desenho com a apropriação do público em situações como a da Praça do Ferreira, da Ponte dos Ingleses ou do Centro Dragão do Mar. É inesquecível a visão inusitada que pude testemunhar de um bloco de maracatu desfilando na passarela do Dragão do Mar, da mesma forma que observar as evoluções dos garotos de hip-hop sob o teto do Planetário ou os namorados e as serestas no praticável da Ponte dos Ingleses. É prazeroso ver populares, famílias, gestantes, carrinhos de bebês, idosos e jovens passeando na ponte do Dragão ou tirando fotografias. Inesquecível também são as imagens de audiências de poesia na Praça Rogaciano Leite ou de aposentados e cidadãos frequentadores da Praça do Ferreira, a partir das cinco da tarde, em convívio visivelmente espontâneo e bem humorado. É este o espaço da minha movimentação intelectual, cultural e criativa.

Bloco 4

Acredita na graça de Deus? A que ele me conduz/pretende continuar a mesma caminhada?

O dragão parece flutuar, algum vôo onírico ou magia

O projeto do Centro Cultural Dragão do Mar foi desenvolvido em parceria com o arquiteto Delberg Ponce de León e foi escolhido em concurso entre cinco escritórios locais. Em princípio a visão conceitual que orientou o desenho seguiu alguns critérios básicos:

Afirmar em vários propósitos a relação contextual entre o edifício e sua vizinhança, na época ameaçada pela crescente ação de demolição de componentes da herança cultural edificada. Desta maneira o projeto se coloca no contexto como se fosse um estimulador de manutenção das arquiteturas históricas por influência de sua própria vizinhança. Vale a pena observar que os sobradinhos da vizinhança do Dragão, agora com boa utilidade em decorrência do novo contexto aí formado, rendem bons aluguéis e assim não provocam mais em seus proprietários os desejos de reconstrução com base em ação de demolição. Os autores, na época, apostaram na reurbanização da orla ao

norte, coisa que começou a acontecer agora, associada com a implantação das vizinhanças do SESC e da Caixa Cultural. Isto tudo vem dando ao bairro, de forma gradativa, o caráter de uma zona de atividades culturais e criativas como predomínio de uso. É por esta razão que o edifício tem predominância formal linear incluindo várias polaridades internas e extremas, no modelo típico da rua urbana, onde os vários destinos são dispostos e oferecidos à acessibilidade pública. A ideia é que a edificação funcione como um conector entre a parte alta e a parte baixa da zona e desta maneira se propõe como uma arquitetura de transição entre a escala da cidade e da própria arquitetura. É um edifício antecipadamente sustentável (o projeto tem 20 anos) com baixa dependência energética para refrigerar ambientes e que dialoga com a luz equatorial inspirado em soluções mediterrâneas associadas ao redesenho de soluções típicas dos engenhos de rapadura cearense construídos em alvenaria. O desenho do conjunto aproveita o conforto da sombra projetada pela própria edificação criando lugares ao ar livre confortáveis com bom proveito da climatologia local. O mais difícil objetivo pretendido em projetos arquitetônicos para usos públicos, como é o caso do Dragão, é a identificação legítima entre os usuários de classes sociais diversificadas e faixas etárias diferenciadas em relação à imagem e significação do conjunto edificado. Creio que o Dragão tem muitos defeitos arquitetônicos na escala do “varejo ” mas de uma maneira geral estes objetivos foram atingidos.

Contribuição para sua amplitude; supremacia do espírito ou cora- ção nas composições?

Os resultados de meu trabalho de elaboração de letras de canções decorrem predominantemente de muita disciplina. Naturalmente ideias surgem por caminhos altamente irracionais e até mesmo inexplicáveis, mas acho que é necessários está disponível sempre para capturar algum novo “passarinho” que esteja a voar em meu céu de poesias populares.

Criação humana pelo sentimento ou pela alegria?

Por ambos, ou seja, pelo sentimento afetivo e ao mesmo tempo pelos propósitos de justiça e equilíbrio da vida entre as pessoas, e isto tudo com base na alegria de viver e compartilhar descobertas pessoais que se amparam na imaginação geral.

Influências Políticas e Filosóficas?

Na juventude adolescente li parte dos romances brasileiros, alguns romances dos principais autores europeus em tradução para o português e vi muito cinema americano. Na juventude posterior, a partir dos quinze anos, descobri o pensamento de esquerda, Freud, Marx e as visões de transformação social. Com estas ideias fui atraído pelas leituras sobre cultura e comunicação e passei a escolher o cinema francês e europeu. Escapei de uma relação infantil traumática com a poesia ao me identificar e compreender a poesia de João Cabral e vários outros poetas brasileiros modernos e fui envolvido de forma crescente pelo interesse em poesia de um modo geral, sem no entanto pretender, até os dias atuais, elaborar um poema escrito sequer. No ambiente universitário conheci compositores de canções que me ensinaram entrar para a área dos autores letristas. Hoje continuo meu interesse pela poesia, faço traduções de poemas como exercício sem pretensão e priorizo a leitura de ensaios, notadamente na área da cultura e do urbanismo e tudo o que se relaciona com a vida compartilhada em cidades.

Amizade, elaboração mental e secundariamente louros e glórias?

Tive uma quantidade gigantesca de amigos cuja teia se construiu desde a infância no interior, amigos do Liceu do Ceará, amigos na universidade, amigos na arquitetura e amigos no âmbito da música popular. Por outro lado devo reconhecer que me mantenho caracterizado como uma pessoa de poucas amizades mais íntimas, quem sabe pela vida familiar e prazer pelo trabalho em casa de forma excessivamente concentrada. Mesmo assim posso dizer que tenho um pequeno

grupo de bons amigos de longas datas e que nos mantemos juntos em encontros frequentes até os dias atuais.

Sublimação ao se transferir do desenho intuitivo para o desenho mentalizado do urbanismo e da arquitetura?

Acho que faço desenhos arquitetônicos e urbanísticos da mesma forma que busco palavras e frases para associá-las no contexto de uma letra de canção. Os processos são intelectualmente parecidos, embora os materiais e as técnicas sejam radicalmente diferentes em suas propriedades, requisitos e efeitos. Estou a falar então de palavras e frases com seus efeitos de ritmo e sonoridade da mesma forma que poderia falar de espaços, luz, planos, sombras, percursos, tijolos, vidro ou madeira. Esta diferença ditada pelas exigências técnicas ou sou obrigado a dominar nas duas atividades da forma mais eficiente possível. Aquilo que possa parecer conflitante neste cotidiano preenchido por duas atividades, no fundo, para mim se revela como conteúdos de um privilégio.

Leitura; Ensaio, Poesia ou Romance?

Predominantemente ensaios sobre urbanismo, arquitetura, cultura, comunicação e aspectos associados a estes temas. Em segundo lugar poesia e em terceiro lugar o romance. Devo confessar que a presença do romance tem sido muito raro em minhas leituras dos últimos anos.